

SANTOS ALVES

Entrevistado por Maria Augusta Silva

DEZEMBRO 1993

A questão da língua portuguesa é mais de ordem filosófica do que gramatical, diz-nos o professor Manuel Santos Alves.

A obra de um homem avalia-se pela grandeza da sua qualidade. Do seu rigor. Do seu talento. Da sua probidade. Do amor que professa. É esse o «segredo» de Manuel dos Santos Alves. Um homem que soube inculcar nos seus alunos o gosto pela leitura. O valor intrínseco do saber. Um homem que, desde cedo, trocava coisas modernas por peças antigas, raras.

Investiga sem cansaço. É autor de três dezenas de obras, referência obrigatória no domínio da cultura. Vai do dicionário d'*Os Lusíadas* à *História da Filosofia*. E tem, ainda, o poder mágico de oferecer às crianças contos que ajudam a crescer o corpo e a alma. São de sua memória as *Histórias do Avô Manuel*, assinadas com o pseudónimo Rogério Fraga. Histórias que dão palavras novas, explicando-as. Histórias de amor à terra e às pessoas. Histórias de relação com os frutos, os animais, as fontes, as alegrias e os perigos. Uma efabulação harmoniosa. Ritmada.

«As crianças de hoje são como as de sempre. Toda a criança sonha.» Defende, assim, e sem rodeios, a importância da escola e da família. «O hábito da leitura tem de começar nesses espaços.» Convicções inabaláveis de alguém que se dedicou ao ensino e à pesquisa. Que transmitiu aos filhos essa verdade. A seu lado, Maria da Conceição, companheira atenta e colaborante. A memória de Santos Alves povoa-se, entretanto, de lembranças. Muitas imbricam no pai, que lhe ensinou a olhar a beleza.

Os problemas da língua portuguesa «são mais de natureza filosófica do que gramaticais». Quem o diz é alguém com a craveira intelectual, docente e cívica de Manuel dos Santos Alves. Um professor de vasta experiência, a quem já passaram pelas mãos cerca de vinte mil alunos de diferentes graus do ensino, desde o básico ao universitário. Um investigador de rara sensibilidade. Sempre cheio de dúvidas. «Só aprende quem duvida».

Consulte-se o *Prontuário da Língua Portuguesa* deste autor, publicado pela Universitária Editora. Tem um pós-título assim: *Caminho fácil para a solução de problemas difíceis*. Fácil, porque bem estruturado, minuciosamente pensado, acudindo às nossas mais terráqueas hesitações. Funda-se na paixão pela linguística, que vai da fala à escrita, fenómeno da inteligência em constante evolução e comunhão total com as expressões sociais envolventes.

Por isso, Santos Alves coloca a ordem filosófica da língua portuguesa no mesmo plano ou, até, acima das razões da gramática, se analisada do ponto de vista de sinais de comunicação e de ideias. Não se trata de supremacias - sublinha -, antes de um entendimento global, «porque sem gramática também não encontramos os caminhos certos».

Qualidade antes de tudo

Caminhos de muitas viagens são os da língua portuguesa, com uma inigualável riqueza de vocabulário, de falares. Um «organismo vivo» de múltiplas influências. Bem-amado? Mal-amado? «Nem sempre bem-amado», sustenta o professor Santos Alves, um homem discreto, afável, tendo a qualidade por destino único. «A qualidade terá de ser a diretriz. É uma norma, quanto sei, reclamada pela própria União Europeia a que pertencemos».

Um conversador contagiante, sem desmesuras. Sabe ouvir. Tem o culto do diálogo, amando cada palavra num amplexo surpreendente, a unir o discernimento e a emoção. Define três pontos cardeais para o homem: amor, inteligência e vontade.

Que pode conquistar-se com a vontade? «Um conhecimento sólido, na certeza de que a felicidade de alguém será nunca realizar completamente aquilo que quer».

Porquê? «Porque nos devemos esforçar cada vez mais. O sonho nunca poderá ser uma coisa estática, acabada. Exige responsabilidade crescente. Sem ela, cai-se no vazio. E isto implica disciplina na programação do trabalho.» Santos Alves chega a anunciar a saída de um livro quando nem o começou... «A partir dessa atitude, obrigo-me ao esforço para honrar os meus compromissos».

Será que o desinteresse pela leitura tem que ver com a «lei do menor esforço»? «Duvida? O homem está dominado pela fuga ao esforço. Põe-se o lucro imediato, o dinheiro à frente da vocação. Um erro que as sociedades pagam caro, por falta de amor às causas, às pessoas, à profissão. A qualidade prende-se ao amor».

Como responder à sociedade consumista? «Com sensatez. Com um iniludível património cultural a alimentar as capacidades mentais».

Ninguém sobrevive sem dinheiro... «Pois, não. O pior é viver apenas atrás do dinheiro. Um absurdo. Os pais dão, hoje, tudo aos filhos, o que podem e, principalmente, o que não podem. Mas se for para lhes comprar um livro que o professor sugeriu, regra geral, respondem: *nem pensar, não temos dinheiro para isso*».

Um drama social insolúvel? Santos Alves perfilha a esperança e o otimismo. Utópico? «Não me importa que me chamem louco. Quando Erasmo escreveu o *Elogio da Loucura* provou suficientemente que nada se faz sem loucura. Tem de haver *loucos* para estas coisas». Uma saudável loucura que leva o professor Santos Alves a dedicar-se, há vinte anos, à organização de uma gramática de língua portuguesa a imprimir em mais de três mil páginas. Muitos anos de pesquisa, ordenados numa sala coberta de estantes. «Uma gramática onde todos possam encontrar-se.» Mais um *Dicionário de Camões*. Outro sobre Gil Vicente. E uma antologia da poesia infantil.

A língua portuguesa, expandida já em todo o mundo por 200 milhões de pessoas, tende a ganhar um lugar cimeiro? «É das maiores. Uma arma indispensável, inclusive, para melhor perceber a matemática, a geografia...»

E o domínio do inglês? «A língua portuguesa há de dominar o inglês, o francês... No século XVI, éramos tão bons ou tão maus que tínhamos livros portugueses adotados em todas as universidades da Europa, nomeadamente de filosofia». Santos Alves dá o exemplo da obra do jesuíta Pedro da Fonseca, que recebeu o cognome de Aristóteles Lusitano pela sua erudição.

Clássicos não morrem

Mas não faltam maldizentes quando se analisa a literatura portuguesa; que mais isto e mais aquilo; que os nossos escritores são massudos... Haverá verdade nisto? Despeito? Ou muito desconhecimento e complexos?

«Temos uma literatura comparável à melhor do mundo. Reporto-me essencialmente aos nossos clássicos do romance e da novelística. Os clássicos nunca vão morrer. Nem os nossos, nem os mundiais. Em poesia não há quem nos chegue, e, na oratória, o padre António Vieira bate-os a todos».

O Acordo Ortográfico irá beneficiar a cultura portuguesa? «Escrevi muitos artigos contra o Acordo. O Brasil tem, no entanto, uma maior influência internacional, A maioria aprovou. Há condições duplas nos preceitos. Acredito que não soframos um desfalque cultural».

© *MARIA AUGUSTA SILVA*